

Falar é fácil, escrever é muito mais difícil

O estudante brasileiro domina a linguagem oral, mas não desenvolveu a mesma habilidade em relação à escrita. Ao comparar as redações de 40 alunos da 8ª série do Colégio Municipal Salgado Filho, em Belo Horizonte, com as suas discussões orais gravadas em fita cassete, a professora Maria Helena Ribeiro Starling chegou à conclusão de que os alunos costumam transferir para o texto as propriedades da linguagem oral por desconhecer os recursos da escrita. O resultado da pesquisa foi apresentado na sua tese de doutoramento, recentemente defendida na Universidade Federal de Minas Gerais.

“A diferença entre o desempenho oral e o escrito não resulta do não ter o que dizer, mas de não saber como dizer”, afirma Maria Helena. Segundo ela, as escolas brasileiras não ensinam a redigir — apenas mandam o aluno escrever. “Elas insistem em privilegiar o ensino da teoria gramatical sem vinculá-la com as produções do próprio aluno”, lamenta. Nas redações analisadas, ela identificou que a presença de características da modalidade oral na linguagem escrita afeta, com frequência, a coesão, a coerência e o grau informativo do texto.

“Este tipo de redator não tem consciência de que sua es-

crita não é simplesmente a reprodução de sua fala”, assinala. Do mesmo modo desconhece as diferenças entre as duas modalidades.

Os textos estudados por Maria Helena são estruturados em frases curtas, geralmente justapostas ou interligadas, à feição da linguagem oral, ou em períodos demasiadamente longos, sem oração principal. Em alguns deles, diz Maria Helena, a compreensão das unidades discursivas só é recuperável pela entonação da leitura, que nem sempre corresponde à pontuação da escrita, como demonstram os três exemplos ao lado. A estrutura sintática é quebrada e o sujeito repetido.

Essas mesmas características são encontradas nos textos das alunas do último ano do Magistério da Escola Estadual Luzia Godoy, em São Paulo. “As alunas que estão prestes a se formar escrevem como estudantes da quinta série”, diz a professora Helenice Silva Rodrigues. Para corrigir as deficiências de redação, Maria Helena sugere que as escolas mudem a forma de ensinar Português. “A aula de língua deve ser considerada um laboratório”, aconselha. “Ela oferece oportunidade para o constante treino da escrita.”



Luludi/AE

Professora Helenice Silva: “Alunos escrevem mal”